

LUA DE VINIL

OSCAR PILAGALLO

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Oscar Pilagallo

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Ale Kalko

PREPARAÇÃO Adriane Piscitelli

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Embora se inspire também em fatos e pessoas reais, esta é uma obra de ficção.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pilagallo, Oscar

Lua de vinil / Oscar Pilagallo. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte,
2016.

ISBN 978-85-5534-009-3

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

16-03772

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

FALA, GIGES!

O DIA EM QUE EU DEIXARIA PARA TRÁS a inocência desastrada dos dezesseis anos amanheceu sem presságio. Nenhuma nuvem preta rasgou o céu azul, nenhum maldito chupim pousou no parapeito, não tive nenhum sonho agourento que hoje, três meses depois, ainda guardasse na memória. Se bem que memória não é o meu forte.

Escrevi “amanheceu”? Maneira de dizer; o relógio no criado-mudo marcava mais de uma da tarde. O.k., quase duas, e daí? Faz diferença? Até porque já estava acordado havia um século. Sim, sim, sim, faltava levantar, mas faria isso logo que os lençóis me largassem.

A perna esquerda escapou primeiro, o pé tateou o carpete. Fiz um ângulo com os cotovelos sobre a cama, noventa graus (ainda lembrava alguma coisa de desenho geométrico). Com a camiseta e a cara amassadas por nove, dez horas de sono,

desgrudei do colchão. O sol raiava acima do prédio vizinho e invadia meu território pelas frestas da persiana. Estreitos filetes de luz tornavam visíveis, mesmo a olhos semicerrados, milhares de partículas em suspensão. Faz tempo que a Irene não passa o aspirador, pensei por pensar; o pó me era indiferente.

Fui me arrastando até o banheiro. Olhei para o espelho, a letargia puxava minhas pálpebras para baixo. O que era aquilo? Eu tinha um esfregão na cabeça? Abri a torneira, molhei a ponta dos dedos na água fria e umedeci os olhos. Pus os óculos, vi outra vez. Sim, tinha um esfregão na cabeça.

A comparação é cortesia do velho. Acabei adotando a imagem só para neutralizar a crítica. Ele e suas piadas infames... Acho que as pessoas perdem o senso do ridículo quando ficam velhas.

Um ano atrás ele tinha passado uma semana na Inglaterra para participar de um congresso sobre medicina psicosomática e visitar o Vamberto Novaes, seu amigo dos tempos da faculdade. Ao contrário do meu pai, Vamberto não clinicava mais. Morando em Londres, tinha enveredado para o jornalismo e chefiava o serviço brasileiro da BBC. Vamberto circulou com o velho, levou-o ao British Museum, à National Gallery, aos pubs, apresentou alguns amigos a ele. E foi na casa de um deles que, entre tantas contribuições inglesas à civilização, ele se encantou com o *mop*, como chamam por lá o esfregão — aquele chumaço de tiras de tecido absorvente preso na ponta de um cabo para limpar o chão.

Gostou tanto que até trouxe um na bagagem, embrulhado em papel pardo fora da mala. Ninguém tinha isso no Brasil.

Pelo menos não no nosso prédio. Lembro que ele rasgou o pacote e apoiou o tal *mop* no chão de ponta-cabeça, fazendo com que as tiras parecessem ainda mais emaranhadas.

— Sabe o que é isso?

— O quê?

Pausa teatral.

— Você!

E ficou olhando alternadamente para o meu cabelo e para o esfregão, sublinhando a comparação com um sorrisinho imperceptível escorrendo pelo canto da boca.

Um ator de quinta, é o que ele era. O que significava aquilo? Era para rir? Ah, se ele soubesse como eu detestava essa mania de zombar de mim. A Educação pela Piada! Por que ele não escreve uma tese sobre o método?

Mas o que eu mais odiava era não ter uma resposta na ponta da língua. Podia ter dado uma de desentendido e perguntado se ele por acaso estava me achando um varapau, magro como o cabo do esfregão. Mas não pensei nisso de bate-pronto, e ironia atrasada é ironia perdida. Mais uma bela resposta engolida pelo silêncio.

Pois agora é que eu não ia mais cortar o cabelo. Nunca mais!

Os fios engrouvinhados desciam irregulares até os ombros. O.k., passava um palmo, que seja. Mas eu gostava do meu esfregão, e ele ia ficar lá mesmo onde estava. Nem se Jesus Cristo ressuscitasse e me mandasse cortar. (Pensando bem, Jesus Cristo não é um bom exemplo, concordo, mas você entendeu.)

Estava tão distraído com essas ruminações que esqueci de mijar. Dei dois passos para trás, virei e, com a mão esquerda apoiada na parede, mirei o centro do vaso. Depois de horas e horas e horas sem me aliviar, o jato veio forte, um fluxo constante, longo. Dava até para desenhar na água.

Apostei que conseguiria.

Fiz um *L* maiúsculo, caligrafia cursiva, que logo sumiu em meio à espuma. Depois, um *e*. Depois, um *i*, sem o pingo, já que a pressão não estava sobrando. O *l* seguinte saiu fraquinho e emendei logo um arremedo de *a*. O volume mal deu para a perninha do *a*, mas o nome dela estava lá, inequívoco, sonoro, inteiro: Leila.

Quer dizer, não que ainda estivesse lá, claro, mas tinha estado, mesmo que uma letra por vez em uma fração de segundo. E era isso o mais importante, eu tinha ganhado a aposta.

Levantei o calção convencido de que daria tudo certo, de hoje não passava.

Essas minhas associações podiam ser aleatórias, mas que davam certo, isso davam.

Não teve aquela vez que, sem correr, eu cheguei à esquina antes do executivo apressado à minha frente? E depois não fui bem em física? Então.

E não teve aquela outra que caminhei uma calçada inteira sobre as partes brancas da figura estilizada de São Paulo? E isso sem desacelerar, sem queimar a parte preta, sem ficar na ponta dos pés. E depois minha mãe não acabou me dando dinheiro para a domingueira do Círculo Militar? Então.

Você pode argumentar que eu mesmo fazia as regras, que

os obstáculos não eram exatamente intransponíveis, que os eventuais adversários eram involuntários. É tudo verdade. Mas eu não trapaceava. Não corri para alcançar o sujeito da pastinha. Não carimbei o chão preto. E não deixei o nome dela incompleto. Então.

Atravessei o corredor, cruzei a sala vazia e abri a porta da cozinha.

— Irene! Ireeeeene!!! Ireeeeee...

Lembrei que era tarde. Bati o olho no relógio da parede. Mais de duas, ela já tinha saído.

O café estava pronto na garrafa térmica prateada, mas já devia ter esfriado. Girei a tampa, servi meia xícara. Tinha esfriado. Dei dois goles em pé. O pão francês estava cortado ao meio, sem miolo e só com manteiga, como eu gosto. Sentei e comi devagar, mastigando sem muita vontade.

A *Folha* estava dobrada intacta no meio da mesa. Ninguém mais lia o jornal, não sei por que não cancelavam a assinatura. Sem encostar nele, reparei na data lá em cima da primeira página: “São Paulo, sábado, 31 de março de 1973”.

Sábado!

Dava para saber que era sábado até pelos sons. Ou pela ausência de sons. Que por sua vez tornava audíveis outros sons. O clec-clec-clec-clec cadenciado da engrenagem do elevador — a casa das máquinas ficava no andar de cima — se somou ao tique-taque monótono do ponteiro dos segundos do relógio da cozinha.

Depois de passar a noite toda ouvindo *The Dark Side of the Moon*, tentei fazer combinações improváveis de sons que

chegavam fracos ao décimo segundo andar: o guincho do freio do Ana Rosa no ponto em frente de casa e a buzina estridente do fusquinha. E também a aceleração exibida do Karmann Ghia de escapamento aberto e a gaita previsível do amolador de facas, com aquelas duas escalas rápidas, ascendente e descendente. Passei muito, mas muuuuuuito tempo nesse laboratório de reverberações.

Mesmo alterada pelo fator sábado, a sonoridade era tão familiar que às vezes soava como o silêncio, um silêncio, aliás, ao qual já me habituara nas últimas semanas. A verdade é que a campainha não tocava mais. Nem o telefone. A Irene não tinha com quem falar, quem lhe orientasse o serviço.

Desde que meu pai fora internado — e já fazia, o quê, um mês? —, nem a toalha da mesa era estendida. Dobrada em três numa das cabeceiras, dava para uma pessoa comer. Ou eu ou a minha mãe. Nunca os dois juntos. Minha mãe não parava mais em casa. Passava os dias no hospital, e as noites também, menos quando era a minha vez de ser o acompanhante.

Resolvi descer. Prendi o cabelo na nuca com um elástico de escritório, vesti minha camiseta tingida, enfiei a calça Lee que só tirava para dormir e calcei o Rainha esfolado de couro preto. Não precisava de mais nada.

Nirvana e Figura jogavam botão no salão de festas. O Lucas apitava e narrava ao mesmo tempo, além de fazer a torcida. Não havia muita relação entre o que acontecia no campo e o que ele falava. Eram dois jogos, um na mesa e outro na cabeça

dele. Às vezes, com os vinte botões parados, enquanto um jogador pensava o que fazer, Lucas continuava atropelando as palavras e soltando bordões, como se todas as peças estivessem em movimento frenético.

Os times tinham uma sofisticação artesanal. Nada daqueles jogadores padronizados e coloridos que a Estrela fazia para crianças. Os nossos eram feios, uma feiura proposital, como se quiséssemos assustar o adversário.

Cada um tinha a forma adequada para a posição que ocupava no campo. Os atacantes deviam ser rasos, para pegar a bola por baixo e tentar encobrir o goleiro. Os zagueiros eram mais altos, uns paredões diante da trave.

Figura tinha um beque de quase dois andares, um botão de meia esfera colado sobre outro fino e largo. Chamava ele de Saturno, e não é que o zagueirão lembrava mesmo a metade de cima do planeta? Eu chamava de Corcunda, só para provocar. Mas sabia que era o corcunda mais eficiente na retaguarda de toda a Vila Mariana.

Os botões vinham de caixas de costura e fundos de gaveta, alguns de casacos velhos, principalmente os últimos, inúteis, já que ninguém os abotoava mesmo. Mas o maior celeiro de talentos ficava na esquina da Pelotas com a Umberto Primo, onde o seu Alfredo morava e trabalhava nos fundos de um casarão antigo. A caminhada até a alfaiataria costumava valer a pena.

Nirvana e Figura jogavam com o Santos. Torcedores fanáticos do alvinegro praiano — daqueles que descem a serra de ônibus para ver jogo na Vila Belmiro —, não abriam mão de jogar com seu time. O resultado era aquele bizarro Santos × Santos.

Zigoto fez a piada de sempre:

— Aposto que o Santos vai ganhar.

Ninguém riu. Nunca ninguém ria das piadas do Zigoto. Fingíamos não perceber ele olhando em volta, quase implorando por um esboço de sorriso, uma aprovação qualquer.

Esquisito para quem não era da turma, o Santos × Santos era um clássico comum no salão do Joelma. Tirando o Dalton, palmeirense por influência do pai, o Lucas, são-paulino sei lá por quê, e os corintianos Paulão e Guru, éramos todos santistas. Eu era santista, ainda sou, claro. E também o Diabo, o Fariseu, o China, o Cabaço. Até o Zigoto era santista.

Preciso explicar? Então tá. O Santos tinha faturado todos os campeonatos dos anos 60, no Brasil, na América do Sul, no mundo afora, na mesma época que a gente já tinha idade suficiente para escolher o próprio time. O Dalton sempre corrigia: o Santos não tinha ficado com *todas* as taças. O.k., o.k., o Palmeiras devia ter ficado com uma. Ou duas. Não lembro direito.

Apesar de os times serem iguais, os elencos eram diferentes. Alguns jogadores só existiam no nosso universo. O Saturno-Corcunda, por exemplo. Mas também tinha o Vermelho, o Pino, o Neve, o Furão, o Zebra — os apelidos eram mais ou menos autoexplicativos. Além disso, misturávamos jogadores de épocas diferentes. Pepe e Zito, que não atuavam mais no Peixe, ainda defendiam a seleção santista atemporal do Diabo.

Só as grandes estrelas jogavam em todos os nossos Santos. Nesses clássicos, sempre havia na mesa dois Pelés e dois Clodoaldos. No “escrete de ouro” do Diabo, o Clodoaldo fazia

o volante, mesma função de Zito, uma insensatez tática potencializada pelo fato de que no mundo real Clodoaldo tinha substituído Zito, seu grande ídolo. Mas quem ligava para isso? Nem o Lucas se importava, e olha que a duplicidade tornava sua locução aloprada ainda mais confusa.

Um dia, antes de sair para a faculdade, o irmão mais velho do Cabaço parou cinco minutos em frente ao nosso campinho improvisado em cima da mesa, enquanto batíamos boca sobre qual seria o melhor time do mundo: o Santos de 69 ou o de 73. No primeiro ensaio de trégua, ele sentenciou:

— Idiossincrasias futebolísticas não se discutem.

Virou as costas e foi embora, deixando atrás de si uma dúzia de sobrancelhas arqueadas. Nos entreolhamos. Alguém tinha entendido aquilo?

Fariseu quebrou o silêncio:

— Idiossim o quê? Que que é isso? Um tipo de idiota? Pô, Cabaço, seu irmão não entende nada de futebol!

Todos concordamos, até o Cabaço. E aos poucos retomamos a discussão. Fariseu insistiu no seu argumento de sempre: o Santos de 69 era melhor porque tinha o Gilmar. Era o melhor goleiro do mundo, insubstituível, ele achava. E o pior é que ele tinha sido substituído por um argentino. Não que ele dissesse isso. Dizia que não gostava do Cejas por ter mania de ficar adiantado, às vezes fora da área, na meia-lua, para desespero da torcida, que temia um gol por cobertura. Isso era verdade, todo mundo sabia, mas ninguém me tirava da cabeça que, no fundo, o Fariseu não gostava do Cejas porque ele era argentino.

Por um motivo ou outro, não era nenhuma surpresa que o goleiro do Fariseu fosse o Gilmar.

Os goleiros eram feitos com caixas de fósforos. Ao contrário dos botões, os goleiros deviam ter o mesmo tamanho, é claro. Escolhemos a Pinheirinho, que cobria de modo razoável o gol, bem mais do que os frágeis arqueiros de plástico da Estrela. As outras marcas não se revelaram adequadas. A Beija-Flor e a Olho Duplo eram muito altas, quase não deixavam espaço entre o goleiro e a trave de cima. E a Olhão era larga demais, por pouco não inviabilizava o gol pelas laterais, a não ser que o atacante ficasse frente a frente com o goleiro. A Pinheirinho era do tamanho ideal. Sem tornar a meta invulnerável, exigia perícia do adversário.

Arrumamos onze caixinhas e fomos até a oficina do Jurdandir, na Cubatão. Pedimos para ele colocar uma camada de chumbo derretido na parte de baixo de cada uma. Ele era conhecido do tio do Figura, o Amaral. Parece que devia algum favor a ele, ou talvez fosse o contrário, sei lá. Só sei que eles sempre ficavam muito tempo conversando na oficina, e pelo jeito não só sobre carros. Bom, o fato é que ele caprichou, derreteu exatamente a mesma quantidade de chumbo para cada um.

O chumbo disposto dessa maneira permitia defesas sensacionais. Os goleiros caíam com os tiros à queima-roupa na parte de cima, fazendo a bola ricochetear e sair com frequência pela linha de fundo. Lucas aproveitava o lance para soltar a voz:

— O goleiro es-paaaaaal-ma!!!!

E logo se ouvia a empolgação da torcida.

— Aaaaaaahhhh!!! Uuuuóóóóó!!!

Dos onze goleiros, sete eram dos Santos: o Gilmar do Fariense e seis Cejas. Todos eram cobertos por fita isolante, para fortalecer a estrutura da caixa e imitar o uniforme preto do portenho. Na frente, reproduzido de um álbum de figurinha, o mesmo retrato de perfil, que valorizava a costeleta encorpada. Eu tinha um Cejas. Os outros cinco eram do Nirvana, Figura, Zigoto, Diabo e Cabaço.

Quando um Cejas defendia um pênalti — especialidade dele nos gramados —, o Lucas, com a mão direita fechada em frente à boca, segurando seu microfone imaginário, entrava em êxtase.

— Cêrras!!! Cêrras!!! Cêrras!!!

Os outros quatro goleiros também eram idênticos no tamanho e no peso, só a estampa mudava. Os do Paulão e do Guru tinham a mesma foto do Ado, o loiro boa-pinta da seleção que as meninas amavam. O Dalton usava um decalque do Leão. E o Lucas ia de Waldir Peres.

De todos nós, só o China, três anos mais velho, não gostava de jogar botão. O negócio dele era pingue-pongue. Dizia também gostar de boxe, mas nunca o vi praticando. Em Nanquim, ele me contou, frequentava a academia de um primo, que treinava lutadores profissionais. Apesar de não jogar botão, passava as tardes com a gente nos fins de semana, desconfio que para aprender gírias.

— Chan quer manjar mais português.

O China sempre se referia a si mesmo na terceira pessoa,

talvez fosse mais fácil para conjugar o verbo, não sei. Depois de dois anos no Brasil, ele ainda não entendia muita coisa e, na dúvida, ria de tudo. O Zigoto se sentia reconfortado quando ele estava na roda.